

## A fragilidade do símbolo: aspectos sociais e subjetivos<sup>1</sup>

### The fragility of the symbol – social and subjective aspects

Marion Minerbo<sup>2</sup>

**Resumo:** Analisando alguns fenômenos contemporâneos – certo tipo de violência adolescente, a body art, o reality show, e a violência familiar – a autora encontra um mesmo elemento em comum: a fragilidade do símbolo. Em seguida mostra como se dá o processo de desnaturação das instituições que leva a esta fragilidade. Por fim aborda a subjetividade moderna e pós-moderna e sua relação com o símbolo. O sujeito moderno se constitui em meio a instituições fortes, que produzem sentidos fixos e inquestionáveis. A vantagem é que o sentido para a existência está dado e as referências identitárias são claras e estáveis. As desvantagens são a rigidez e a restrição das formas de ser àquelas que estão instituídas e legitimizadas. O sujeito pós-moderno se constitui em meio a instituições frágeis que produzem laços simbólicos corrediços. A vantagem é a abertura para novas formas de ser, pensar e agir. A desvantagem é que o sujeito precisa se constituir em meio a um estado de depleção simbólica, o que o lança no desamparo identitário. A análise destes pacientes visa ajudá-los a desenvolver e a internalizar a função simbolizante.

**Abstract:** Analyzing some contemporary phenomena - some kind of teenage violence, the body art, the reality show, and family violence - the author finds a common element: the fragility of the symbol. Afterwards the article shows the process of denaturation of the institutions that lead to this weakness. Finally it discusses the modern and post-modern subjectivity and their relationship with the symbol. The modern subject is in the midst of strong institutions, which are fixed and unquestionable. The advantage is that the direction is given for the existence and the identity references are clear and stable. The disadvantages are the stiffness and restriction of the forms to be those that are imposed and legitimized. The post-modern subject is in the midst of fragile institutions that produce slippery symbolic links. The advantage is the openness to new ways of being, thinking and acting. The disadvantage is that the subject needs to be in a state of symbolic depletion, which leads to an identity helplessness. The analysis of these patients is designed to help them develop and internalize the symbolizing function.

**Palavras-chave:** Fragilidade do Símbolo. Fenômenos Contemporâneos. Subjetividade Contemporânea. Desamparo Identitário. Violência Social.

**Keywords:** Fragility of the Symbol. Contemporary Phenomena. Contemporary Subjectivity. Identity Helplessness. Social Violence.

---

<sup>1</sup> Conferência apresentada na VIII Jornada Bianual do Contemporâneo: “A Fragilidade do Símbolo: aspectos sociais, subjetivos e clínicos”. Porto Alegre, agosto de 2008.

<sup>2</sup> Marion Minerbo é psicanalista, analista didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo e Doutora em medicina pela UNIFESP. Rua Alcides Pertiga, 78. CEP 05413-100. São Paulo, SP.  
Endereço para correspondência: [marion.minerbo@terra.com.br](mailto:marion.minerbo@terra.com.br)

## **Fragilidade do símbolo e fenômenos sociais**

Discute-se se há ou não novas patologias psíquicas no contemporâneo. Há os que defendem que essas patologias sempre existiram, mas a teoria psicanalítica não era suficiente para identificá-las. Outros pensam que são as mesmas patologias sob novas roupagens. Penso que há uma nova forma de sofrer que está relacionada à fragilidade do símbolo em nossa civilização. Ela pode ser identificada em fenômenos sociais, na forma de subjetividade e na clínica. Neste texto iremos analisar alguns fenômenos sociais e a subjetividade contemporânea, mostrando alguns aspectos que, em ambos, parecem ser determinados por esta fragilidade. Começo com os fenômenos sociais.

### a) Violência adolescente

O filme **Laranja Mecânica**, de Kubrick (1971) apresenta uma forma de violência adolescente (MINERBO, 2007a). Uma gangue de jovens entediados liderados por Alex se encontra num bar e se prepara para a noitada. Eles se drogam para praticar o que chamam de ultra-violência. O filme mostra como eles atacam pessoas indefesas, e como eles se divertem com isso. Não é um caso isolado. Pelo que vemos, há várias gangues que fazem isto. É um fenômeno social. Lembra o caso dos adolescentes que, em sua noitada, atearam fogo em um índio em Brasília. Ou daqueles que, voltando da balada, espancaram uma doméstica num ponto de ônibus no Rio de Janeiro.

No filme, quem são as vítimas? Atacam um velho bêbado que está cantando canções tradicionais irlandesas que seu pai lhe ensinou. Depois atacam uma casa em que se lê Home – Lar. Ali mora um casal que parece ter uma vida intelectual rica. O homem é escritor, a casa está cheia de livros. Por fim, atacam uma mulher que coleciona obras de arte. Esmagam sua cabeça com uma escultura.

Essas vítimas cultivam valores de uma civilização que, no contexto do filme, está em vias de desaparecer: música, literatura, artes plásticas. Mas o ódio desses jovens não se expressa com a destruição dos símbolos desta cultura. Eles precisam atacar as pessoas que encarnam esses valores. Algo aconteceu com o estatuto (ontológico?) do símbolo.

Tradicionalmente, o símbolo está no lugar da coisa; a palavra representa a realidade. Uma criança usa a massinha para representar a mãe, e depois expressa sua raiva destruindo o peão de massinha. Esta criança é capaz de simbolizar. Com a ajuda da mãe, que, por um lado, modulou suas ausências, e por outro, lhes deu um sentido (“mamãe vai trabalhar, mas volta”), a criança conseguiu suportar esta ausência. Em seu

lugar, criou um símbolo, um conceito: “mamãe não está aqui, **está ausente**”. Sem este conceito, a experiência de “mamãe não está” é transformada em “mamãe má me abandonou, vou morrer”, – uma presença persecutória – ou em “o que é isto ruim que estou sentindo?” – um não-sentido angustiante. Graças ao conceito, a criança é capaz de **conceber a ausência e, portanto, tolerá-la**.

O que nos importa é que, graças à conquista da capacidade de representar o que não está lá, a criança tem o recurso de esmagar a massinha para não ter de esmagar a mãe. O passo seguinte se dá com a aquisição da linguagem. Ela poderá xingar a mãe (“sua chata!”), em lugar de destruir a massinha. Nos dois casos, trata-se de um homicídio simbólico. A violência pulsional está sendo contida pelas mediações simbólicas que existem entre a criança e a mãe. Na ausência dessas mediações, será preciso atacar a própria mãe.

O que acontece no filme **Laranja Mecânica**? Alex não se contenta, como a criança que destrói o peão de massinha, em queimar a partitura da canção tradicional irlandesa que o velho bêbado canta. Ele precisa espancar a pessoa que está cantando. Ele não se contenta em queimar os livros que dão sentido à vida do intelectual. Ele precisa destruir o intelectual. Ele não destrói as esculturas da colecionadora de arte. Esmaga sua cabeça com a escultura. Ou seja, ele não dispõe do recurso da destruição simbólica. Não destrói o peão de massinha. Ele precisa que o peão seja de carne e osso para expressar sua violência.

Se estivéssemos trabalhando no nível individual, e não social, poderíamos formular várias hipóteses no nível metapsicológico. Alex, sem o recurso à simbolização, recorre à violência como droga excitante para salvar o sujeito do vazio e do tédio. Em outra hipótese, recorre à violência para convocar a função paterna. Nada disto está errado. Mas não é o nível do sintoma individual que nos interessa, pois estamos diante de um fenômeno social com manifestações individuais. O que nos interessa é a forma de subjetividade que se constituiu em meio à fragilidade da ordem simbólica, e por isso não dispõe das mediações simbólicas necessárias para conter a violência pulsional.

Tudo se passa como se a massinha já não tivesse lastro suficiente para simbolizar a mãe. O laço simbólico que une a representação – a **massinha** – a um significado – **mãe** – é frágil. A massinha – ou melhor, a **palavra** – já não consegue representar a realidade. Assim, para que a significação “mãe” se apresente ao psiquismo, ela precisa do lastro conferido pela própria realidade. **A palavra perdeu sua força**. É o que estamos denominando a fragilidade do símbolo.

No caso de Alex, não é que ele não consiga simbolizar. Tanto simboliza que identifica perfeitamente os símbolos de uma civilização em declínio. É que ele não acredita mais na capacidade do símbolo representar a realidade. Os peões do jogo têm de ser reais, tem de ser “de verdade”, para que ele possa jogar. É como se ele não acreditasse no lastro de um cheque, a menos que ele venha acompanhado pela mesma soma em dinheiro vivo. Ele exige a presença simultânea da representação e da coisa representada.

b) A arte

No contemporâneo, o espaço entre a representação e o objeto representado tem diminuído progressivamente. Representação e realidade acabam por se superpor. Em nossa hipótese, a realidade vem sendo convocada a dar sustentação ao símbolo que já não se sustenta apenas enquanto símbolo. Vejamos alguns fenômenos contemporâneos que apontam para esta direção (MINERBO, 2007b).

Antigamente, um artista que quisesse representar a si mesmo, poderia usar o mármore para fazer uma escultura. O estilo da obra poderia variar: poderia pretender ser uma cópia fiel da realidade, como em Michelangelo, ou poderia afirmar uma apreensão subjetiva da realidade, como fez Picasso. Nos dois casos há uma distância clara entre representação e realidade.

Um artista contemporâneo, Marc Quinn (1998) apresentou em 1991, numa exposição chamada *Sensation* uma escultura de si mesmo. Era uma cópia fiel da realidade, e a denominou *Self*. Mas o material usado foi seu próprio sangue. Durante meses ele foi tirando o sangue, até totalizar 5 litros – a quantidade de sangue de uma pessoa. Fez um molde de sua cabeça, colocou ali o sangue, que coagulou. Esta obra, que está num museu, tem de ser mantida refrigerada. Ele poderia ter usado o sangue de um animal, mas não o fez. Para representar o seu *self*, tinha que usar o próprio sangue, que em algumas religiões é a alma da pessoa. O que aconteceu? Estamos diante de uma situação híbrida: a obra é uma representação – é uma escultura, está num museu – mas, ao mesmo tempo, é a própria coisa representada – é o próprio artista. A distância entre a representação e a coisa representada desapareceu. Paradoxalmente, a representação tem de ser real. É a *body art*.

Outra artista, Orlan (1999, 2002), dá um passo a mais nessa superposição entre representação e realidade. Ela se submete periodicamente a cirurgias plásticas para transformar seu corpo: implantou silicone na testa para fazer uns chifres; mudou a implantação do couro cabeludo para o meio da cabeça; modificou nariz e olhos. Exibe

todas as etapas da cirurgia – do pré ao pós-operatório – em fotos, e depois exhibe a si mesma nos espaços de exposição de arte. Denominou esta série de *Self-hibridação*. A idéia, segundo ela, é ir recriando-se como *selves* diferentes ao longo da vida. Segundo a crítica, não é mais *body art*, mas *carnal art*. Ela é a obra de arte. A única mediação simbólica que admite é o pavilhão da Bienal, em que vai circulando no meio das pessoas.

Em 2006, uma exposição artístico-científica intitulada “Corpo Humano: real e fascinante” apresentava ao público o corpo humano: os órgãos, os ossos, o sistema circulatório, os músculos. A exposição foi um sucesso, durante meses havia filas na porta do museu. Eram cadáveres de verdade que haviam sido submetidos a procedimentos estetizantes. Se os cadáveres fossem de silicone, em uma reprodução perfeita, a exposição não teria o mesmo apelo, pois estaríamos no campo da representação. E se fossem apenas cadáveres, como os do necrotério, também não haveria interesse, pois estaríamos no campo da pura realidade. O apelo vem precisamente da superposição e da hibridação entre representação e realidade. Esta mesma lógica (e o mesmo apelo) pode ser encontrada em outros fenômenos tipicamente pós-modernos, como o reality show.

#### c) O lazer

O *reality show* (MINERBO, 2007c) é uma forma de lazer cujo apelo é evidente. O próprio nome mostra a hibridação entre representação e realidade. É um show, é uma representação, e ao mesmo tempo, é de verdade. A mediação simbólica que transformava o corpo do ator em personagem desapareceu, da mesma forma que o mármore nas artes plásticas. No teatro a mediação simbólica é dada pelo roteiro e pelo palco. No *reality show* o roteiro é mínimo. O Big Brother Brasil mostra pessoas comuns *representando pessoas comuns* em busca de ascensão social. Há a dimensão de representação – um roteiro mínimo, as câmeras, o público, alguém que edita as cenas. E há a dimensão de realidade – são pessoas comuns, o público vota, o vencedor consegue realmente uma ascensão social rápida. A proliferação de reality shows sugere que esse tipo de espetáculo, em que a realidade se superpõe à representação, é a forma de lazer mais compatível com a subjetividade contemporânea.

#### d) Crimes familiares

Por fim, outra situação que parece ser determinada pela fragilidade do símbolo é um tipo de **crime familiar contemporâneo** (MINERBO, 2007d). A mídia vem noticiando a incidência crescente de pais que matam filhos, e filhos que matam pais.

São crimes muito diferentes dos retratados pela tragédia grega. O elemento trágico advém, entre outros elementos, do pleno reconhecimento dos lugares simbólicos que cada um ocupa na estrutura familiar. Agamenon, que também é soberano de uma cidade-estado, sacrifica a filha Ifigênia aos deuses para salvar seus exércitos. É um ser dilacerado pelo conflito. A tragédia nos emociona porque nos identificamos com os personagens. Os crimes familiares contemporâneos são diferentes. O filme *L'Enfant*, (JEAN PIERRE E LUC DARDENNE, 2004) retrata dois adolescentes “soltos no mundo”, sem família, sem casa e sem emprego. Vivem de vender o produto de pequenos furtos. O casal dá à luz um bebê, que é levado para todo lado de motocicleta, como se fosse uma mochila. Eles parecem não ter a menor idéia do que é um bebê. O pai sai para dar uma volta com ele e percebe que pode vendê-lo por muito mais dinheiro do que os relógios roubados. Quando conta para a mãe que o vendeu, ela fica horrorizada. O rapaz não entende o motivo e responde: “qual é o problema, a gente pode fazer outro!” Este crime não é um filicídio, o que suporia o reconhecimento daquele corpo como “filho”. A criança foi vendida como mercadoria. Os crimes familiares contemporâneos são utilitários, porque as mediações simbólicas que fariam daquele corpinho, “meu filho”, estão ausentes.

### **A fratura do símbolo**

Sade nos conta (Filosofia na Alcova) que os pais de Eugênia a retiram do convento onde está sendo educada, e a entregam aos libertinos, para que façam com ela o que bem entenderem. O pai se destitui do lugar paterno ao entregar-lhes sua filha em troca de favores sexuais. Ela é uma moeda de troca, como no filme *L'Enfant*. É como se dissesse: “O que eu tenho a ver com ela?” A mãe também se destitui do lugar materno quando prefere salvar a própria pele a proteger sua filha.

Muitos anos depois Eugênia acaba matando sua velha mãe. Pouco antes de cometer o ato pergunta: “Que laços me prendem à mulher que me pôs no mundo?” Ela tem razão: essa mulher não é mais sua mãe. Por isso, não se trata de um matricídio *a la* Édipo. Eugênia não mata a mãe por conflitos relacionados aos lugares simbólicos que as duas ocupam na estrutura familiar. Não há ódio, rivalidade, inveja, por aquela mulher **enquanto mãe**. Se Eugênia a mata, é porque já não sabe o que fazer com aquele corpo que ficou velho e inútil. A lógica deste crime se assemelha muito a vários crimes contemporâneos, em que pais matam filhos, e vice-versa, por razões utilitárias.

Resta tentar entender como, e por que, a mulher que a pôs no mundo não é sua mãe. A instituição Família institui um laço simbólico que une o significante, “corpo da mulher que me pôs no mundo”, ao significado “mãe”, palavra que designa um lugar simbólico que é vivido por meio de certa constelação afetivo-representacional. Entretanto, para que a instituição tenha o poder de instituir esse lugar simbólico, ela precisa ter lastro, força.

De onde vem a força de uma instituição? A instituição se fortalece a cada vez que seus representantes ocupam os lugares simbólicos que ela cria, para fazer viver a instituição por meio deles. A Justiça se fortalece quando o juiz julga da maneira mais justa possível, e faz acatar sua sentença. A Família se fortalece quando os pais assumem, não importa como, a responsabilidade com relação à vida dos filhos. Ou seja, o lastro de uma instituição é dado por seus representantes, quando eles sustentam o lugar simbólico que ela lhes oferece. O laço simbólico que une significantes e significados se fortalece e se **naturaliza**. Torna-se natural que um professor eduque, que um juiz julgue, que os pais se responsabilizem. A instituição forte tem poder para subjetivar as pessoas. Elas passam a pensar, sentir e agir a partir daquelas significações.

Vejamos o que acontece quando os representantes das instituições se recusam, por qualquer motivo, a encarnar aquele sistema simbólico.

Quando os pais de Eugênia a entregam aos libertinos, lavando as mãos com relação ao seu destino, eles se auto-destituem do lugar e da função de pais. Não fazem viver as significações instituídas, não as reproduzem. Dão início a um processo de corrupção do sistema simbólico como um todo. Tem início a descrença na instituição. Eugênia não acreditará mais no conjunto afetivo-representacional que a palavra mãe costumava evocar. O laço simbólico que une o significante “corpo da mulher que a pôs no mundo” e o significado “mãe” se enfraquece, se desnatura, e, no limite, se fratura. Aquele corpo deixa de significar “minha mãe”. Eugênia irá se relacionar com aquele corpo sem qualquer mediação simbólica. Se ele se tornou um corpo velho e inútil, por que não se livrar dele?

Sem as mediações simbólicas, os lugares, as funções, as representações e os afetos que cercam o significante **mãe** “morrem”. Dito de outra forma, quando o laço simbólico se fratura, a palavra mãe torna-se um som oco e vazio de significação. A sensibilidade se altera. Pode-se matar a mãe sem sentir culpa e horror.

A desnaturação do sistema simbólico faz com que ele deixe de existir. A institui o morre. Eugênia deixa de ter pais, não no sentido biológico, evidentemente,

mas no sentido simbólico, isto é, no nível da linguagem. **Uma mulher a colocou no mundo**, eis a que ficou reduzido o significante ‘mãe’, completamente esvaziado de sua carga afetiva. O laço simbólico se fraturou. Segue-se um efeito em dominó, em que todas as palavras perdem o lastro que a instituição viva e o símbolo forte garantiam. Há um **esvaziamento semântico**.

O mesmo processo acontece quando um juiz aceita suborno ou é desautorizado. Estes fatos colocam em marcha um processo de desnaturação, que culmina com a morte da instituição, levando à fratura dos laços simbólicos que ela sustentava. A beca se torna uma roupa risível, em lugar de produzir um sentimento de temor respeitoso. Em suma, as subjetividades aí constituídas já não irão acreditar naquelas significações. Há uma descrença nas narrativas produzidas por elas.

Sintetizando, quando as instituições se enfraquecem, o laço simbólico se fragiliza e podemos ter a fratura do símbolo. A descrição desse processo, tal como acabamos de fazer, parece esclarecer como se dá a mutação da sensibilidade que ocorreu da modernidade para a pós-modernidade. Não cabe aqui descrever essas transformações. Basta guardarmos a idéia de que descrença nas narrativas e a fragilidade do símbolo indicam o enfraquecimento das instituições.

### **Fragilidade do símbolo e subjetividade contemporânea**

Não cremos que o sujeito pós-moderno substituiu o moderno. Ao contrário, dependendo da situação, um ou outro podem estar mais em evidência. Por exemplo, pode-se ser moderno na forma de criar os filhos, e pós-moderno na forma de estabelecer relações amorosas.

O **sujeito moderno** se constitui em meio a instituições fortes, que produzem sentidos fixos e inquestionáveis, dados por símbolos duradouros.

A vantagem é que o sentido para sua existência está dado, e suas referências identitárias são claras e estáveis, produzindo uma identidade unificada e centrada. As desvantagens são a rigidez e a restrição das formas de ser àquelas que estão instituídas e legitimadas.

A forma psicopatológica – a forma de sofrimento psíquico – típica do sujeito moderno é a neurose. O sofrimento é produzido pela obrigatoriedade de se adequar a uns poucos modos de ser que estão instituídos e legitimados.

Um exemplo. Um pai de família que, por qualquer motivo não se adequa ao modelo de provedor único da família, tende a se achar insuficiente. Diante do sofrimento narcísico, mobiliza as defesas possíveis, determinando uma maneira de ser sintomática. Pode tyrannizar a esposa, para mostrar que continua sendo o chefe. Pode deprimir-se.

Mas, quem disse que ele só tem valor se puder sustentar sua família? A instituição família patriarcal assim o determinou. Percebe-se que, se por um lado ele sabe perfeitamente qual é o seu papel, por outro, este papel o aprisiona, o que produz sofrimento: o papel é estreito demais para as dinâmicas da vida. Assim, a análise de um neurótico visa afrouxar um pouco o laço simbólico que une um significante a um significado. Por exemplo, o sujeito pode vir a conceber a possibilidade de que continua sendo um bom pai de família se sua companheira também trouxer dinheiro para casa. Os significados precisam deslizar, o paciente precisa ressignificar os significantes mais importantes de sua história emocional. Ele precisa relativizar os ideais que julgava serem absolutos.

**O sujeito pós-moderno** questiona as equivalências simbólicas fixadas pelas instituições modernas. Quem disse que o pai é a autoridade máxima da família e não pode ser questionado? Quem disse que só o pai pode e deve prover o sustento da família?

Um relativismo relativo no que diz respeito ao laço simbólico entre significante e significado é desejável; já um relativismo absoluto acaba por deixar o sujeito sem chão. Nessas condições, cabe a cada um decidir em que acredita, criar sua própria visão de mundo, e um sentido para sua existência. O que, convenhamos, não é nada fácil e deixa muitas pessoas à deriva.

Continuando com nosso exemplo, cada um vai ter de definir o que é ser pai para ele. Para um é trazer dinheiro e mandar, para outro é ajudar a trocar fraldas, para o terceiro é contar histórias e levar para passear, e para o quarto é “[...] conversar sobre a relação”. Para outro, ainda, é tudo isso junto. Qual modelo ele vai adotar? Em que vai basear sua identidade se já não há nada que lhe sirva como referência? Cria-se uma situação de “desamparo identitário” (MUSZKAT, 2008).

Podemos entender a pós-modernidade como este momento da história da civilização em que o laço simbólico que une significante e significado é correção, e não se fixa em lugar algum. Em outras palavras, a pós-modernidade se caracteriza pela fragilidade do símbolo.

A vantagem é que a fragilidade do símbolo pode ser aproveitada de forma criativa para que novos laços simbólicos sejam constituídos. Há uma abertura para que novas formas de viver se tornem possíveis.

A desvantagem é que o sujeito precisa se constituir em meio a um estado de **depleção simbólica** – situação em que instituições frágeis não têm lastro para oferecer significações que organizem e dêem algum sentido – **qualquer que seja** – à existência.

O sujeito não dispõe dos elementos necessários e suficientes para fazer sentido de si, de suas experiências, e do mundo. Daí o sentimento de angústia, de vazio existencial e de tédio, que têm sido descritos, equivocadamente, como depressão. A depressão supõe a tristeza pela perda de algo precioso. O termo depleção corresponde melhor ao que observamos na clínica.

Do ponto de vista psicopatológico, a subjetividade que se constitui em meio à depleção simbólica origina quadros muito variados. São as organizações não-neuróticas da personalidade, cujo elemento em comum é o sofrimento narcísico. Além das significações internalizadas serem movediças, **a internalização da própria função simbolizante será precária**. O sujeito não desenvolve a capacidade de simbolizar, ou, quando o faz, o símbolo não se sustenta. Diante disso, a realidade é continuamente convocada a dar-lhe sustentação, resultando na reificação da subjetividade. Em outro texto<sup>3</sup> estudei formas de construção da identidade a partir de elementos retirados das prateleiras da sociedade de consumo. Estamos diante de uma nova forma de “cuidado de si”, típica da subjetividade contemporânea.

---

<sup>3</sup> “Depleção simbólica e sofrimento narcísico contemporâneo”, texto inédito apresentado na VIII Jornada Bianual do Contemporâneo, Porto Alegre, 15 e 16 de agosto de 2008.

## REFERÊNCIAS

CROS, C. et. al. **Orlan**, Carnal Art. Paris: Flammarion, 2004.

MINERBO, M. Reality Game: violência contemporânea e desnaturação da linguagem. **Revista IDE**, São Paulo, v. 30, n. 44, p. 103-107, 2007a. .

MINERBO, M. A lógica da corrupção: um olhar psicanalítico. **Revista Novos Estudos (CEBRAP)**, São Paulo, v.79, p. 139-150, 2007b.

MINERBO, M. Big Brother Brasil: a gladiatura pós-moderna. **Revista Psicologia USP**, São Paulo, v. 18, n.1, p.153-158, 2007c.

MINERBO, M. Crimes Contemporâneos: uma interpretação. **Revista Percurso**, São Paulo, n. 38, p.135-144, 2007d.

MUSZKAT, S. **Violência e masculinidade: uma contribuição psicanalítica aos estudos das relações de gênero**. 2006. Dissertação (Mestrado em psicologia) - Instituto de Psicologia da Universidade, São Paulo, 2006.

QUINN, M. **Incarnate**. London: Booth-Clibborn Editions,1998.